



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANA MARIA MARANHÃO DE SOUZA AQUINO

**A PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA:
UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO SOBRE OS QUESTIONAMENTOS DAS
CRIANÇAS**

Salvador

2016

ANA MARIA MARANHÃO DE SOUZA AQUINO

**A PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA:
UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO SOBRE OS QUESTIONAMENTOS DAS
CRIANÇAS.**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para fins de conclusão da Pesquisa do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemary Lapa de Oliveira

Salvador
2016

ANA MARIA MARANHÃO DE SOUZA AQUINO

**A PEDAGOGIA DE PROJETOS COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA:
UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO SOBRE OS QUESTIONAMENTOS DAS
CRIANÇAS.**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para fins de conclusão da Pesquisa do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Salvador, 19 de Junho de 2016.

Rosemary Lapa de Oliveira – Orientadora _____
Doutora em Educação pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia.
Universidade Federal da Bahia/Universidade do Estado da Bahia

Ana Cristina Castro do Lago – Avaliadora _____
Doutora em Educação pela Universidad de Barcelona
Universidad de Barcelona
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir essa conquista. Por ter me iluminado com sabedoria para superar algumas provações surgidas nesse período.

A meus pais, Espedito Gomes de Souza e Rivanil de Sá Maranhão (em memória), pela vida, e principalmente por ter me ensinado o valor dos estudos.

A meu esposo, filhos, irmãos; a minha tia Ozimar Maranhão, meus sobrinhos, cunhados e cunhadas, por vibrarem por minhas conquistas e estarem sempre ao meu lado.

De um modo muito especial, à Maria Luciene, que sofreu junto comigo, que abriu mão de sua vida particular para me ajudar, e por toda atenção a mim dedicada.

A todas as crianças que contribuíram com este aprendizado através de seus quereres.

A Dina Rosa, por me fazer companhia no percurso. Pelo apoio, dedicação, incentivo, respeito e principalmente pela amizade.

A todos os professores e colegas do curso de especialização, por contribuírem com o conhecimento e crescimento profissional.

A minha orientadora Rosemary Lapa, que pacientemente me fez enxergar a escrita desta pesquisa de Pós-Graduação, dedico esta conquista a partir das reflexões neste trabalho contidas.

AQUINO, Ana Maria Maranhão de Souza. Um olhar sensível e reflexivo sobre os questionamentos das crianças: a pedagogia de projetos como abordagem pedagógica. 46 f. il. 2016. Projeto de pesquisa (Especialização) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

“O presente trabalho intitulado “A pedagogia de projetos como abordagem pedagógica: um olhar sensível e reflexivo sobre os questionamentos das crianças”, aborda a necessidade de desenvolver a mediação pedagógica, através da reflexão/ação/observação. A partir de análise da própria práxis e revisões de literaturas para oportunizar as crianças momentos de desafios, investigações e descobertas no ambiente de aprendizagem, visto que, a necessidade de investigar, descobrir, conhecer e levantar hipóteses para o desenvolvimento pleno torna-se mais evidente a cada vivência escolar. Essa inquietação nasce em decorrência das participações em formações de professores, seminários e revisões de literatura, embasada em teóricos como: Vygotsky, Piaget, Freire e Malaguzzi, uma vez que valorizam as descobertas das crianças como uma poderosa ferramenta para o conhecimento. Portanto, deduz-se, com este estudo, que a pedagogia de projetos contribui muito para o crescimento cognitivo, afetivo e social das crianças. Assim, este estudo da observação/reflexão/ação, sobre cada vivência, aponta quais os caminhos formativos para um fazer pedagógico reflexivo que incentive a autonomia da criança através de projetos investigativos.

PALAVRAS-CHAVES: Mediação pedagógica. Reflexão. Observação. Investigação.

AQUINO, Ana Maria Maranhão de Souza. A sensitive and reflective look on the children's questions: pedagogy projects as a pedagogical approach 46 f. il. 2016. Research Project (Specialisation) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ABSTRACT

This work entitled "A sensitive and reflective look on the children's questions: pedagogy projects as a pedagogical approach" addresses the need to develop the mediation, through reflection / action/ observation. From analysis of own practice and literature reviews to create opportunities children moments of challenges, investigations and findings in the learning environment, since the need to investigate, discover, know and hypotheses for the full development becomes more evident each school life. This concern arises from participation in training teachers, seminars and literature reviews, based on theoretical as Vygotsky, Piaget, Freire and Malaguzzi since they value the discoveries of children as a powerful tool for knowledge. Therefore, it follows, with this study the project pedagogy contributes much to the cognitive growth, affective and social development of children. Thus, this study of observation / reflection / action on each experience, which shows the formative paths to a reflective pedagogical practice that, encourages the autonomy of the child through investigative projects.

KEYWORDS: Pedagogical mediation. Reflection. Note. Investigation.

SUMÁRIO

1 MEMÓRIAS DE APRENDIZAGEM E A REALIZAÇÃO DE UM GRANDE SONHO	7
2 O PROFESSOR REFLEXIVO	16
2.1 O PROFESSOR REFLEXIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
3 O FAZER PEDAGÓGICO A PARTIR DOS PROJETOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
3.1 PROJETOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	25
4 UM OLHAR INVESTIGADOR	30
4.1 CENÁRIO E SUJEITOS DE PESQUISA	32
4.2 ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS	32
5 INTERPRETAÇÃO COMPREENSIVA DO PAPEL DO PROFESSOR A PARTIR DE SUA PRÁTICA	34
5.1 CONSTRUÇÕES DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS	37
5.2 MEDIAÇÕES DO PROFESSOR	41
5.3 FORMAÇÕES PARA PESQUISA	43
6 POR FIM O SONHO TORNA-SE REAL	45
REFERÊNCIAS	49

1 MEMÓRIAS DE APRENDIZAGEM E A REALIZAÇÃO DE UM GRANDE SONHO

Ao nascer, todo ser humano já traz consigo um forte espírito de indagação. E assim, muito questionadoras, as crianças passam pela fase dos porquês para descobrir, ou tentar compreender, o mundo que as cercam. Percebe-se que elas aprendem com prazer quando vivenciam algo de interesse do grupo. Nesse sentido, é importante a sensibilidade e a percepção do educador, para perceber as curiosidades, os anseios e as expectativas das crianças, a fim de transformá-las em projeto de investigação, já que a escola é um espaço de interação, de brincadeiras, conhecimento e descoberta em todos os contextos, seja ele social, econômico ou cultural.

De maneira geral, fica cada vez mais clara a vontade de conhecer as necessidades das crianças e considerá-las sujeitos ativos e de direitos, contribuindo como atores sociais e participantes ativos de seus aprendizados. Compreendemos então que há um movimento intenso no ambiente de aprendizagem, com a necessidade de acertar a prática pedagógica na educação infantil. Um movimento com muitas tentativas, acertos, erros, equívocos e dúvidas de como tornar a criança a coautora do seu próprio aprendizado.

Assim nasce o desejo em mim de realizar a presente pesquisa, que surgiu da inquietação a partir de algumas vivências em formações de professores, seminários e revisões de literatura, em que tive contato com teóricos como: Vygotsky (2005), Jean Piaget (1998), Paulo Freire (1996) e Lóris Malaguzzi (1999), pois esses estudiosos valorizam as descobertas das crianças e propõe a mediação do professor no processo ensino/aprendizagem.

Nesse cenário, fazer Especialização pela Universidade Federal da Bahia-UFBA é um desejo de toda uma vida, visto que agrega valores ao currículo, além de muitas ideias inovadoras para aplicar em minha prática. Ao perceber que estava selecionada para cursar a Especialização em Docência em Educação Infantil pela UFBA, fiquei extremamente feliz, pois estava com a certeza de que muitas das minhas inquietações, enquanto profissional, iriam ser amenizadas, tornando-me ao longo do curso uma especialista em Docência na Educação Infantil.

Adentrar os portões da faculdade me trouxe à memória momentos nobres de alfabetização vividos na infância, que me fizeram estar de alguma forma nesta especialização. Pensar a forma como aprendo desde o início da minha existência, não foi muito fácil, mas se passaram alguns minutos para as primeiras lembranças aparecerem em minha mente. Lembro-me de minha mãe nos ensinando a ler pela cartilha do Mobral¹ de Paulo Freire, (1979), embaixo de um pé de umbu, no interior de Pernambuco, onde vivi meus primeiros treze anos. Nós escrevíamos no chão com gravetos de árvores, palavras como: Dado, dedo, bola, milho, feijão entre outras palavras da nossa vivência. Ainda soletrávamos para ler a palavra e assim fomos alfabetizados, indo para a escola só a partir dos sete anos. Ao acessar essas lembranças, me senti emocionada e o meu coração ficou dilacerado de tantas saudades, pois minha mãe já é falecida há onze anos. Uma grande mulher, que nos ensinou o valor dos estudos.

Assim como os reflexos de uma experiência ruim de ensino/aprendizagem marcam a vida inteira, a influência de uma boa mediação modifica o sujeito de tal modo que ele não consegue mais voltar ao que era antes. É nessa perspectiva que a coordenação do curso de especialização preocupou-se com as características particulares de cada formador, para que eles pudessem mediar de forma a transformar os educadores em seres multiplicadores de sonhos, ideias e projetos.

Todas as informações apresentadas através do curso contribuíram para a minha renovação profissional, pois aumentou em mim a capacidade de perceber e relacionar a teoria à prática, reproduzindo muito do que ouvi nas discussões vivenciadas no ambiente de aprendizagem, através da pós-graduação em Docência na Educação infantil, para que eu pudesse compreender o processo ensino/aprendizagem.

As primeiras descobertas de aprendizagem no curso de especialização foram através do seminário de Educação Infantil que aconteceu entre os dias 28, 29 e 30

¹ O Movimento de Alfabetização Brasileira (MOBRAL) foi um órgão do governo brasileiro, criado durante o regime militar, é considerada como uma resposta ao método de alfabetização de adultos preconizado pelo educador **Paulo Freire**, que se tornara persona non grata ao regime, era fortemente influenciado pelo Método Paulo Freire, utilizando-se, por exemplo, do conceito de "palavra geradora". A diferença é que o Método Paulo Freire utilizava palavras tiradas do cotidiano dos alunos, enquanto, no MOBRAL, as palavras eram definidas por tecnoburocratas.

de novembro do ano de 2014, no qual a equipe pedagógica do curso de Especialização em Docência em Educação Infantil nos acolheu com um belíssimo seminário de abertura, - *“Como se fosse uma brincadeira de roda”*, apresentando-nos de forma dinâmica, alguns pontos a serem discutidos durante o período do curso. Começando com a canção “Redescobrir, de Gonzaguinha” e com uma frase perfeita, “Tudo se inicia na própria pessoa”, que me fez refletir sobre tudo que eu desejo construir como profissional de Educação Infantil, já que está em mim o desejo de fazer uma educação transformadora. A professora J. A. nos trouxe a frase “As mãos dos que tecem a educação Infantil” para degustarmos um pouco das pesquisas realizadas por Lóris Malaguzzi, apresentada no livro “As Cem Linguagens da Criança”. Trazendo a importância dos ateliers e documentações, momento de refletir sobre nossa prática em sala de aula, muitas vezes equivocadas.

Apresentou-nos também a música “Caminho do coração, também de Gonzaguinha”, aquele momento elevou a minha autoestima pelo fato dela enfatizar algumas frases da música como: “É tão bonito quando a gente vai à vida”, me fazendo pensar como é gratificante acordar todos os dias e ir à luta, ao trabalho, aos estudos, realizando meus desejos.

Foi fundamental para minha formação tudo o que vi e ouvi em todos os momentos do seminário, mas o que me encantou no segundo dia foi a Trup Errante, fazendo uma linda interpretação do poema “Teto cheio de furos”. Fiquei encantada, nunca tinha visto. Percebi que os poemas também trazem grandes oportunidades para se trabalhar em sala de aula, desde uma simples leitura, a uma apresentação teatral belíssima.

No domingo pela manhã, nós fomos presenteadas com um lindo sarau de poesias “Sarapopeia”, que nos encantou. Logo após, o professor Menandro Ramos dialogou sobre o ato da leitura como “A mais civilizada das paixões”, do leitor que busca cada dia mais aperfeiçoar seus conhecimentos, me estimulando a ler ainda mais, para me tornar uma profissional mais qualificada dentro da minha área de trabalho. Conhecer as técnicas de artes, através do professor Pinduka, foi muito gratificante, visto que ele apresentou de forma clara e objetiva como trabalhar a arte com as crianças e como expor os seus trabalhos sem concorrer com a escrita do professor tão usada por mim, equivocadamente.

Posso afirmar que, com o passar dos dias, só me apaixono ainda mais pela Educação Infantil, pois posso vivenciar na prática, o que vejo na teoria. Ao participar da festa da palavra, percebi o quanto é importante disponibilizar todas as fontes literárias possíveis para as crianças manusearem. Com tantos gêneros textuais belíssimos como vimos, ninguém sairá mais o mesmo deste curso, pois aguçou o conhecimento de querer aprender sempre mais. Amo a Educação Infantil incondicionalmente e fazer parte de um curso de Especialização só me encanta a cada dia.

Pensar como professora/pesquisadora foi o momento em que tive a oportunidade de aprofundar e compreender um pouco mais sobre o conceito do professor pesquisador. Pensar isso, imediatamente me inquietou, mas impulsionou para novos voos. No dia 14 de Março foi um grande momento de aprendizado, pois tivemos um diálogo muito proveitoso com o grupo de Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP) e discutimos a melhor forma da escrita do nosso memorial a fim de ampliar ainda mais nossos conhecimentos. Esse foi um dia bastante proveitoso, com discussões pertinentes e cheias de aprendizado com as professoras Ana Paula e Edna.

A expectativa referente ao curso foi crescendo a cada semana, ficava a me perguntar o que ainda estaria por vir? Será que iria me surpreender? E ao chegar à semana seguinte, pude constatar que sim. Tivemos o privilégio de conhecer e dialogar com a professora Marlene Oliveira, que nos trouxe para discussão “Infâncias e Crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil: diretrizes nacionais e contextos municipais”. À proporção que o diálogo se estendia, nós observamos a diferença entre criança/infância, pois até então, para mim, as duas se difundiam, mas diferenciam em diversas situações. Há crianças que tiveram infância, e há crianças que não tiveram infância, infelizmente.

A professora Marlene, em seu discurso, nos apresentou os vários documentos e leis, elaborado pelo governo Federal, que orientam o educador em sua prática pedagógica. Estudar as políticas públicas para Educação Infantil no Brasil não é uma tarefa fácil, visto que as leis são extensas e cansativas. Mas ela utilizou estratégias de leitura com diálogos e vivências das educadoras para manter todas as alunas atentas e interessadas no assunto. Os diversos diálogos sobre a

prática na sala de aula me fizeram refletir sobre o que é necessário mudar enquanto educador ao entrar em uma sala de aula. Entendo que é necessário analisar vários aspectos indispensáveis como: as condições das crianças e de seus familiares, além das referências e valores oferecidos pelas famílias.

Segundo Rinaldi (2012, p. 249), as relações das crianças em interações com adultos e crianças, contribuem com sua história de vida e com o contexto social na qual convivem. Ainda é esse autor a orientar que dentre tantos conteúdos, se faz necessário valorizar o que as crianças já trazem enquanto conhecimento de mundo, sua história de vida, sua cultura local e valores familiares.

Refletindo acerca das contribuições trazidas pelo professor R. S. na disciplina Currículo, formação e a criança em aprendizagem, pude constatar que é possível ampliar os conhecimentos, os quais orientam como contribuir para que uma criança possa pensar em formas de aprender. Ele defende também o direito das crianças aprenderem através de uma boa proposta de ensino, porém orientou que ao pensar em projetos é preciso priorizar as questões culturais vividas pela criança, o que Freire já defende em sua Pedagogia da Autonomia.

Respaldado pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), o professor salientou que educação, ética, política e estética fundadas no conviver, brincar, participar, explorar, comunicar e conhecer é importantíssimo para o desenvolvimento das crianças. Isso também observei nas leituras a partir da abordagem de Reggio Emilia (2012). O professor R. S. ainda defendeu que os objetivos de aprendizagem sejam postos através dos campos de experiência até 6 anos a partir: do eu, do outro e de nós; corpo, objetos e movimento; escuta, fala, pensamento e imaginação; traços, sons, cores e imagens; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, como também destacam os RCNEIS. Certamente, participar das aulas ministradas por R. S. só me tornou uma professora consciente do modo como atuar para poder mediar com meus alunos o desejo de aprender.

Sabidamente a professora C. S., do componente curricular Natureza e cultura, conhecimentos e saberes, propõe vários momentos de reflexões para que o grupo de professores refletisse sobre como a criança pode viver a experiência a partir de seus quereres, cultura e cotidiano familiar. Ela orientou-nos a estar em formação

constante, continuar na busca pelo seu respeito próprio e seus ensinamentos, para que nós, enquanto educadoras, sentíssemos autorizadas a serem autoras de currículos, o que o professor R. S. já havia pontuado em suas aulas de currículo.

A professora C. S. promoveu momentos pertinentes para que o grupo pudesse discutir o que os currículos estão fazendo com as pessoas, visto que ela destaca a importância dos saberes a partir das culturas populares, além disso, é preciso pensar a experiência e a vivência para entender o que está fazendo. A partir dessa discussão, ficou clara a compreensão da importância de nós educadores aprendermos e resignificarmos, já que se faz necessário escutar, observar e sentir, além de tentar produzir conhecimento a partir do lugar ou espaço de convivência, uma prática que precisamos exercitar a todos os momentos, que requer mudança e planejamento.

Portanto, esse curso plantou em mim o desejo de não parar por aqui. Me fez acreditar na escuta das crianças, na reflexão/ação para poder oportunizar às crianças várias possibilidades de aprendizagem envolvendo as diversas culturas vivenciadas através de cada festejo.

Apreendi, então, que oportunizar aos alunos brinquedos desafiadores, que promovam novas invenções e que favoreçam a criatividade, contribui para aguçar o desejo de novas descobertas e ampliar o conhecimento das crianças, para que elas possam desenvolver a criatividade, já que vivem em uma sociedade em constante e rápida transformação. Portanto, no meu entender, enquanto educadora, devo desenvolver atividades com as crianças de maneira que seja considerado seu contexto de origem e acesso aos conhecimentos, para que possam passar pelas experiências, sentindo-se valiosas, vivenciando diversas oportunidades de descobrir o seu conhecimento através de brincadeiras e convívio com os colegas.

Essa pesquisa apresenta-se em formato de pesquisa-ação, que tem como objetivo descrever uma prática pedagógica com a inspiração na abordagem Reggio Emilia, a qual prevê o desenvolvimento das potencialidades autônomas da criança em gerir seus processos de aprendizagem.

Com o pensamento de proporcionar às crianças experiências de autonomia no seu processo de aprendizagem no espaço escolar, o professor reflexivo dá mais atenção aos questionamentos das crianças, construindo assim, a proposta

pedagógica diariamente, para que elas sejam as protagonistas de seus conhecimentos. Sendo assim, esta pesquisa apresenta como questão a ser respondida: quais os caminhos formativos para um fazer pedagógico reflexivo que incentive a autonomia da criança através de projetos investigativos?

Para trazer sentido à pesquisa que me propus realizar, manifestou em mim o desejo de avançar neste contexto. No entanto, esse movimento implica em novos hábitos e mudanças de comportamentos a partir do desenvolvimento e aquisição de novas competências e habilidades. Tal processo iniciou-se através das revisões de literaturas e pesquisas da teoria apresentada por Lóris Malaguzzi (1999), no livro “As cem Linguagens da Criança”, o qual me oportunizou refletir as ações do cotidiano no ambiente de aprendizagem, observando os diálogos, leituras não convencionais e discussões promovidas no espaço para renovar a minha práxis, a partir de uma escuta sensível e reflexiva.

Vale destacar também que, o aprendizado como resultado da interação, sujeito e objeto em todas as dimensões no meio em que vive, conforme pensamento vygotskiano, traz ao sujeito uma compreensão espontânea e fundamental do seu desenvolvimento social e cognitivo. A fim de aprofundar um pouco mais o conhecimento do termo escuta sensível, no sentido aqui discutido, examinei-o atentamente, através das leituras nos livros *Professor reflexivo em uma escola reflexiva* (2008), *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas* (2008). Na perspectiva desses autores, esse termo remete a prestar atenção nas atitudes, fala e comportamento das crianças, compreendendo minuciosamente o que elas dizem, acreditando em suas potencialidades e no poder de criação.

Muitos já são os estudos sobre esse tipo de investigação. A cidade italiana de Reggio Emilia apresenta-se como um centro de pesquisa, onde grupos de estudos de vários países participam de momentos de formação para compreenderem a proposta desenvolvida na cidade, além da construção da documentação pedagógica e a Investigação indicada por Malaguzzi (1999). São vivências constantes como abordagem pedagógica. Essas formações contribuem para o desenvolvimento de atividades em sala de aula que expressem a investigação e ajuda a criança a

compreender melhor o mundo que a cerca, através dos questionamentos e descobertas, pois a fala ainda é um objeto de aprendizagem.

Neste capítulo, dedico-me a imergir profundamente nas lembranças da minha autoformação, que avançam através das leituras, das pesquisas; que me fazem compreender as teorias apresentadas no curso de especialização, me oportunizando a refletir as ações do cotidiano no ambiente de aprendizagem, através dos diálogos, leituras e discussões promovidas no espaço, para renovar a minha práxis a partir de uma escuta sensível e reflexiva sobre as ações vivenciadas.

Procurei, ao longo do texto, descrever os pontos mais relevantes para minha autoformação, sendo assim, esta investigação considera a observação, reflexão, ação como ponto principal para compreender a prática pedagógica a partir de uma pedagogia de projetos, fundamentada na teoria desenvolvida por Malaguzzi (1999) e Freire (1996), que trazem em suas práticas reflexões pertinentes, que considerei como referência para analisar quais contribuições a prática da pedagogia de projetos traz para desenvolver a autonomia das crianças, além de refletir sobre a formação do professor reflexivo na Educação Infantil baseada na teoria de Alarção (2008).

Nessa perspectiva, busquei compreender o que pensam esses teóricos sobre a forma de trabalho que envolve diferentes conteúdos e que se organiza em torno de um produto final, onde a escolha do tema e a elaboração das ações desenvolvidas parte do querer das crianças, gerando assim novas aprendizagens tanto para a educadora quanto para as crianças, além de novos projetos para investigação.

Ao que se refere ao capítulo 2, “O professor Reflexivo”, trata-se da noção de professor reflexivo além da formação continuada, como ponto importante para transformar-se à medida que se modifica ao analisar a teoria, diante disso aumenta o conhecimento e contribui com a evolução das crianças.

Referente ao capítulo 3, “O fazer pedagógico a partir dos projetos didáticos na educação infantil”, discorro sobre os fundamentos teóricos respaldando toda esta pesquisa, visto que conhecer é aprender. Certamente ampliou o meu conhecimento sobre a mediação pedagógica, contribuindo positivamente para minha experiência profissional.

No capítulo 4, “Um olhar investigador”, trato da metodologia utilizada na pesquisa. Este capítulo nos faz compreender o sentido desta pesquisa quando nos

leva ao pensamento de que proporcionar às crianças experiências de autonomia no seu processo de aprendizagem, contribui para que estas crianças tornem-se coautoras de seus conhecimentos. Logo após, descrevo o cenário de pesquisas e os sujeitos envolvidos.

Relacionado ao capítulo 5, “Interpretação compreensiva do papel do professor a partir de sua prática”, descrevo a vivência relatada a partir do diário de campo, que oportunizou-me momentos de reflexão e análise, que estimulou o pensar para aprimorar a mediação pedagógica no ambiente de aprendizagem a partir da pedagogia de projetos. Em seguida, trago o diálogo que apresenta os resultados encontrados, pontuando os momentos mais importantes desta pesquisa que foram vivenciados com a interação sujeito/objeto no ambiente de aprendizagem, tal qual responde a minha questão de pesquisa. Os resultados encontrados foram apresentados a partir dos diálogos e troca de experiências.

Por fim, “O sonho torna-se real” descreve o processo formativo que me fizeram compreender a didática desenvolvida na cidade de Reggio Emilia na Itália, para poder favorecer às minhas crianças momentos de investigações e descobertas.

Assim sendo, esta pesquisa acaba reunindo informações relevantes de estudos já realizados, no entanto permite analisar as descobertas do fazer pedagógico.

2 O PROFESSOR REFLEXIVO

A concepção de professor reflexivo na visão de Alarção (2008), autora privilegiada nesta pesquisa para essa discussão, baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. Assim sendo, o poder da criatividade do ser humano é inata, exige apenas seu desenvolvimento e liberdade de expressão. Para tanto, precisa de vontade e persistência do educador reflexivo, através de “um diálogo consigo próprio, com os colegas e com a própria situação” (2008, p. 45) como ainda afirma a autora.

A noção de professor reflexivo em Alarção (2008), surgiu da necessidade de compreender melhor a potencialidade do ato de aprender, compartilhado por Freire (2003). Assim, aos poucos, fui tomando consciência da minha identidade enquanto profissional de educação infantil, pois compreendi que a escola é como um espaço de formação continuada. Esse aprendizado aconteceu através da capacidade de encontrar a melhor maneira de agir e intervir em uma mediação pedagógica no ambiente de aprendizagem. Ainda segundo a autora:

O professor como profissional do humano, tem uma especial responsabilidade sobre a sua atuação pelo conhecimento de si mesmo no que é, no que faz, no que pensa e no que diz, ou o autoconhecimento, que abrange a dimensão metacognitiva e metaprática, é mola impulsionadora do seu envolvimento pessoal e profissional. (ALARÇÃO, 2008, P. 63)

Nessa perspectiva, a conscientização de que a formação continuada é o melhor caminho para realização de um trabalho produtivo, me encoraja a seguir buscando nas fontes teóricas refletir a minha práxis pedagógica, me comprometendo ainda mais com a educação das crianças. Assim sendo, as ações observadas e refletidas no ambiente de aprendizagem se modificam ao destacar a prática processual, que se desenvolve durante a (auto) formação, uma vez que oferece uma reflexão crítica e conseqüentemente, uma melhor compreensão do fazer pedagógico. Sobre o mesmo ponto de vista, compreendi que a formação se dá assim que o indivíduo aprende de forma compreensiva e significativa, quando tem relevância em sua vida profissional e pessoal. Macedo, através de seu olhar reflexivo afirma que:

Como a vida, a experiência é um fenômeno relacional, no seu âmago se configura a relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros e conosco, com o que somos, com o que fazemos e com o que desejamos fazer: projeto (MACEDO, 2015, P. 26).

O olhar de Macedo me fez compreender que a práxis se enriquece ainda mais quando o professor para, a fim de refletir sobre as relações e diálogos, sejam elas através de formação continuada, ou da prática pedagógica vivenciada dia a dia para ponderar a ação no cotidiano escolar. Semelhantemente, Freire, através do livro *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 39), me ensinou que é possível desenvolver o pensar através da experiência, quando este mesmo autor argumenta que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática”.

É nessa linha de pensamento, a partir das experiências e trocas de conhecimentos, que a rede de ensino de Camaçari- BA, da qual faço parte como professora, oportuniza aos seus educadores a formação continuada através do Projeto Paralapraca, um projeto que segundo explicitado em seu site Paralapraca.org.br:

Foi concebido para atuar em duas linhas de ação complementares: a formação continuada de profissionais da educação e o acesso a materiais de qualidade, tanto para as crianças quanto para os professores. O processo de formação dos professores baseia-se no desenvolvimento de seis eixos: Assim se brinca. Assim se faz artes visuais, Assim se faz música, Assim se faz literatura, Assim se explora do mundo e Assim se organiza o ambiente.

Algo que agrega ainda mais aprendizado ao docente. Além disso, procuro trocar experiências com outras educadoras sobre as vivências diárias nos espaços escolares, compreendendo melhor a teoria proposta por Malaguzzi (1999). Assim, a cada dia, venho ampliando e modificando a prática de ensino no ambiente de aprendizagem. Nessas formações e discussões, compreendi a importância do professor deixar de ser o centro das atenções e tentar a cada experiência mediar o processo de conhecimento dos educandos.

Nas leituras do livro *Diálogo com Reggio Emilia* (2012, p. 107), percebi que o maior desafio do professor nos tempos atuais é a falta de percepção das curiosidades das crianças, pois percebi que é preciso acreditar no poder que esses sujeitos possuem. Para tanto, necessitamos estimular sua criatividade e o desejo de

refletir sobre as situações do dia a dia. Criar e descobrir através de ambientes e propostas de investigações criativas que interessem ao grupo, incentivando a partir de todas as aptidões e conhecimentos que eles dominam, para ampliar as habilidades e agregar valores em sua formação cognitiva, afetiva e social. Ao refletir sobre os relatos de vivências que são possíveis, entendi que a criança precisa apenas da mediação do adulto, seja ele professor ou familiar, para encorajá-la e orientá-la a ir em busca de seus conhecimentos. Alarção (2008, p 41) destaca que o professor reflexivo baseia-se na capacidade de pensar e refletir suas ações, compreendendo que o ser humano é um indivíduo criativo e não um mero reproduzidor de ideias sobre as ações vivenciadas no cotidiano escolar.

O papel do professor, na visão de Malaguzzi (2012, p. 106), “é o de protagonista e inerentemente respeitado”. Esse teórico sempre acreditou no potencial de seus educadores, para ele, seus professores eram aprendizes, competentes, experientes, pesquisadores, inteligentes, motivadores, que acreditavam em suas atribuições, mediando livremente seu fazer pedagógico, reconhecendo as várias possibilidades que os experimentos proporcionavam à equipe pedagógica, dialogando e colaborando uns com os outros, aceitando o apoio assim como as críticas.

A força do professor, como Malaguzzi (2012) apresenta, contribuiu muito para a minha formação acadêmica, pois aprendi que o desejo de superar qualquer obstáculo depende exclusivamente do querer do educador em experimentar, conhecer e pesquisar novas possibilidades para poder mostrar suas aptidões, inteligências e possibilidades. Por isso, apresento o poema “Tenho fé e acredito na força do professor” de Bráulio Bessa (2016)², que expressa a força e a grandeza dos professores, embora muitas vezes, ainda estejam desacreditados de seu potencial. Conforme Bessa, o professor é:

Um guerreiro sem espada
sem faca, foice ou facão
armado só de amor
segurando um giz na mão
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo

² Bráulio Bessa, escritor, poeta cordelista, empreendedor social e palestrante, retirado do site: brauliobessa.com.

que possa lhe causar dor
 por isso eu tenho dito
 Tenho fé e acredito
 na força do professor.

Ah... Se um dia governantes
 prestassem mais atenção
 nos verdadeiros heróis
 que constroem a nação
 ah... Se fizessem justiça
 sem corpo mole ou preguiça
 lhe dando o real valor
 eu daria um grande grito
 Tenho fé e acredito
 na força do professor.

Porém não sinta vergonha
 não se sinta derrotado
 se o nosso país vai mal
 você não é o culpado
 Nas potências mundiais
 são sempre heróis nacionais
 e por aqui sem valor
 mesmo triste e muito aflito
 Tenho fé e acredito
 na força do professor.

Um arquiteto de sonhos
 Engenheiro do futuro
 Um motorista da vida
 dirigindo no escuro
 Um plantador de esperança
 plantando em cada criança
 um adulto sonhador
 e esse cordel foi escrito
 por que ainda acredito
 na força do professor.

Portanto, compreendo que o professor reflexivo de sua prática pedagógica, precisa acreditar em sua competência, sempre ir em busca de novos conhecimentos, experimentando e inovando a cada possibilidade.

2.1 O PROFESSOR REFLEXIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática pedagógica na Educação Infantil vem evoluindo através do conhecimento, revisão de literatura e formações continuadas, o que me leva a ponderar sobre as diversas situações pedagógicas no cotidiano escolar e me fortalece enquanto professora de Educação Infantil. Percebo que essa ação é uma

forma de contribuir e avançar para o crescimento cognitivo e emocional das crianças. Alarção (2008, p 48), caracteriza como: “uma metodologia de intervenção social cientificamente apoiada e desenrolada segundo o ciclo, ação, observação e reflexão”.

Pautada nos referenciais teórico-metodológicos aqui desenhados e nos quais me ancoro para refletir sobre minhas práticas, posso afirmar que, planejar atividades na educação infantil, é pensar em uma criança ativa, criativa, participativa, capaz de realizar tarefa e construir suas produções, as quais ampliam suas experiências e fortalecem o sentimento de pertencimento para aumentar suas possibilidades de aprendizagens cognitivas e sociais.

Através das pesquisas realizadas entre os autores já citados, percebi que os projetos pedagógicos são os melhores meios de fomentar essas aprendizagens na criança, pois promovem ações a serem desenvolvidos no ambiente de aprendizagem e estão no nível de sonho e compreensão da realidade das crianças e do meio em que habitam, de maneira que elas percebem, questionam e interpretam as experiências que vivem em seu contexto social.

Malaguzzi (1999, p 98) defende que “aprender e reaprender com as crianças é a nossa linha de trabalho. Avançamos de tal modo que as crianças não são moldadas pela experiência, mas dão forma à experiência”. Acreditando nisso, procuro, em minha prática, propor atividades que permitam as descobertas de formas de aprender através do brincar, criar e interagir com os mais variados objetos, descobrindo a forma como aprende, interagindo umas com as outras.

Através desta compreensão, posso deduzir que, a cada vivência e descoberta de nossos alunos no ambiente de aprendizagem, eu, enquanto educadora, aprendo como mediar as experiências de ensino para ampliar o desenvolvimento cognitivo das crianças, sem moldar a forma de transmitir o conhecimento.

Nessa etapa da educação, oportunizar as diversas linguagens é necessário, pois as crianças imitam ao fingir que dormem, que leem o jornal, que arrumam a casa, ou que realizam outras funções que observam nos adultos, por isso, a Educação Infantil é a etapa mais importante na vida de qualquer sujeito, para vivenciar e aprender através das interações e brincadeiras os limites e regras

institucionais, como: a escola, a família, a justiça entre outros; conhecimento esse que será conduzido por toda a vida.

Refletir ações que ajudem as crianças a pensar sobre seus atos fortalece o vínculo e a autonomia, pois a fala ainda é um objeto de aprendizagem, num ser que pensa, sente e vive o seu momento através das descobertas em diversas situações em seu cotidiano, utilizando sua imaginação e criatividade. Assim, ela deve ser ouvida diariamente pelos adultos de seu convívio. Nessa perspectiva, Piaget entende que:

A interação social entre crianças e adultos é fundamental, pois é a partir dessas trocas que a criança desenvolve sua personalidade e respeito. Ela passa a perceber, aos poucos, que as pessoas possuem diferentes maneiras de pensar e diferentes necessidades, isto é, somente a partir de uma troca é que a criança vai estendendo seu mundo e percebendo os diferentes pontos de vista, deixando de ser egocêntrica. (PIAGET 1998, p. 56).

No entanto, a autoridade do adulto sobre as crianças é algo da natureza social. De forma geral, pouco participa das decisões familiares, escolares e sociais, mesmo que essas decisões sejam dos seus próprios interesses. Semelhantemente, a escola é um ambiente por excelência em que os sujeitos têm a possibilidade de vivenciar, de modo intencional, formas construtivistas de interação, onde a criança poderá exercer papel de protagonista de seus conhecimentos.

Portanto, os estudos referentes à primeira infância mostram que quanto mais se oportunizar experimentos, vivências culturais diversificadas nos primeiros anos de vida, de modo independente, mais as crianças se tornam adultos livres e bem sucedidos e aprendem direitos e deveres mais contextualizados.

3 O FAZER PEDAGÓGICO A PARTIR DOS PROJETOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O interesse pela pedagogia de projetos surgiu desde que me percebi aluna em salas de aulas. Foi quando comecei a perguntar e alguns educadores não me permitiam questionar o que estava sendo ensinado. Como qualquer criança curiosa, perguntava sobre tudo, mas era sempre taxada de criança chata e mal comportada, pois me recusava algumas vezes a aprender os conteúdos dos quais não me explicavam para que serviria tal aprendizado. Ao me tornar professora da rede de ensino privado me vi impelida a seguir um sistema de ensino que reproduzia o que eu havia vivenciado na infância e juventude.

Diante desta realidade, lembrava-me dos ensinamentos de minha mãe e dos meus melhores professores que levarei comigo para a eternidade, pois nunca irei esquecer de minha professora de 1^a à 4^a série do ensino primário, como era considerado na época, que nos ensinava o conteúdo através da cultura e crenças locais, dos festejos populares, das comidas típicas, das brincadeiras tradicionais, das regras e limites, além das boas maneiras à mesa.

Naquele contexto, aprendi a lidar com o diferente. Mesmo me inquietando questioneei: Por que não aprendemos o que realmente nos interessa? Diante dessa inquietação, comecei a refletir também sobre minha experiência profissional, visto que desejava mediar o conhecimento a partir do querer das crianças, através da pedagogia de projetos, pois eles partem do interesse, da formação e do querer, também, do professor. Diante de todos esses estudos, percebi que era possível oportunizar as crianças um ambiente de aprendizado investigativo, mediado pela professora nos momentos de questionamentos, incentivando essas crianças a irem em busca dos seus conhecimentos para torná-los visível através do processo ensino aprendizagem. Para isso, estar na rede de ensino público me favoreceu muito, visto que não exige do professor a reprodução de um sistema de ensino fechado. Conforme Rinaldi:

Vemos uma criança que é conduzida pelo enorme potencial de energia de 100 milhões de neurônios, pela força do desejo de crescer e de levar a sério a tarefa do crescimento, pela incrível curiosidade que a leva a procurar a razão de todas as coisas. Uma criança que sabe esperar e que tem altas expectativas. Uma criança

que quer mostrar que conhece as coisas e que sabe como fazer as coisas, e que tem toda força e o potencial gerados por sua habilidade de se questionar e se impressionar. (RINALDI, 2012, P. 223)

As considerações que Rinaldi (2012) faz, me esclarecem que as crianças possuem um grande potencial, necessitando apenas do incentivo do professor para lhes oferecer novas possibilidades ao fazer pedagógico, apenas mediando suas inquietações, para que elas possam pensar em várias formas de aprender, ampliando seus conhecimentos de forma contextualizada com seu cotidiano. Dessa forma, contemplar o desejo de aprender das crianças é motivador. É fascinante observar como as crianças trabalham com alegria quando envolvidas em atividades de seu contexto de origem, podendo compreender o sentido da própria vida e das experiências familiares, tornando claro para elas o processo do conhecimento.

As análises teóricas do Interacionismo de Piaget (1998) e Mediação Pedagógica de Malaguzzi (1999) me ajudaram enquanto educadora a compreender o processo ensino aprendizagem, pois muitas vezes, equivocadamente, ofereci atividades às crianças sem que essas estivessem inseridas em seu contexto. Percebi ainda que essas tarefas não haviam contribuído em nada para o crescimento cognitivo, afetivo e social dessas crianças, visto que elas se mostravam inquietas e desejosas de outras vivências. Isto me fez refletir e mudar a forma de desenvolver as atividades pedagógicas no ambiente de aprendizagem. Dessa forma, ficou marcado em mim o desejo de oferecer aos meus alunos, cotidianamente, formas de negociar, pensar, falar, ouvir e refletir sobre nossas descobertas, me empodeirando do ensino aprendizagem, apoiada em posições mais interacionistas, superando a lógica tradicional.

Minha experiência profissional se fortaleceu a partir do momento em que percebi que os projetos didáticos desenvolvidos nas escolas devem partir do querer das crianças, pois possibilita tanto ao educador quanto aos discentes, novas formas de descobertas. Diante disso, comecei a propor às crianças tempestades de ideias que motivem vários questionamentos, investigações para que possam desenvolver a criatividade e ampliar o seu conhecimento.

Recordo-me da forma sábia com que minha mãe nos ensinava, ela sempre questionava, me encorajando, tanto a mim quanto a meus irmãos, a ir em busca do nosso conhecimento. Essa experiência na infância contribuiu para compreender

melhor minha atividade de educadora nos tempos atuais. Refletir criticamente sobre minha prática docente é ficar imersa sobre as ações do cotidiano escolar, propondo ideias para ajudar as crianças a compreender melhor o mundo que as cercam. Conforme Freire destaca:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer umas “intimidades” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos... (FREIRE, 1996, P. 30)

As considerações de Freire (1996) são muito relevantes, no entanto, observo que fica mais fácil trabalhar com ideias existentes pelo fato da comodidade em encontrar as atividades já preparadas, porém essa forma de trabalho docente não contribui muito com o desenvolvimento pleno da criança, uma vez que aprendi que a pedagogia de projetos auxilia mais positivamente o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, motivando-as a ir ao encontro de novos conhecimentos, se desafiando e criando autonomia em seu processo formativo, baseada também na pedagogia da infância sugerida por Malaguzzi (1999), reafirmando o que já havia aprendido em minha infância que devemos aprender a perguntar às crianças ao em vez de dar as respostas prontas.

Por natureza curiosa, as crianças percebem, questionam e interpretam as vivências de forma diferente, no entanto, cabe ao educador oportunizar a essas crianças momentos de diálogos para que elas possam apresentar suas ideias, queixas e sugestões, o professor precisa validar sua voz, sua forma de pensar, respeitando o tempo de aprendizagem de cada uma e suas particularidades, como Freire nos afirma quando diz:

Saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a sua inibição; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996 P. 47)

Inquestionavelmente, Freire apresenta uma realidade, visto que ao estar no ambiente de aprendizado, se faz necessário refletir sobre as ações para poder ouvir os questionamentos das crianças, contribuindo com seu desenvolvimento cognitivo.

Entretanto não é necessário abandonar uma prática ou uma forma de mediar o conhecimento já existente pelo fato das crianças aprenderem de forma diferenciadas. Nesses momentos de intervenções, o educador precisa atentar-se para ensinar como essa criança aprende.

3.1 PROJETOS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A abordagem de Reggio Emília é centrada na experiência, investigação e diálogos, um movimento que permite que as crianças ampliem gradativamente suas habilidades de forma autônoma por meio de diversas explorações, através de atividades criativas e desafiadoras, interações socioculturais e vivências em diferentes situações.

Nesse sentido, os projetos didáticos provocam nas crianças o desenvolvimento da imaginação, expressão, sensibilidade e da comunicação. Assim sendo, os projetos de investigação desenvolvidos, com enfoque em indagações, foram para mim bastante ricos, uma vez que oportunizaram uma maior interação entre a professora e as crianças, através de ações diversificadas e a partir do querer das crianças, promovendo uma aprendizagem significativa, relacionada às diversas áreas de conhecimento. Nesse sentido, Malaguzzi (1999, P. 79), destaca que: “as crianças em nossas escolas têm o privilegio incomum de aprender através de suas comunicações e experiências concretas”.

Assim, de acordo com Malaguzzi, dialoguei com as crianças sobre como fazer o bolo, para observar os conhecimentos prévios sobre o gênero textual receita. Percebi, no momento da conversa, que eles ainda não conheciam o Gênero textual receita. A fim de ampliar ainda mais o conhecimento das crianças, apresentei o cartaz receita de bolos contendo todos os ingredientes que iriam precisar para realização da receita, dialogamos sobre os ingredientes necessários para fazer um bolo, visto que a linguagem formal no aprendizado deve ser contextualizada com fatos ligados ao cotidiano e a vivência dentro de uma comunidade.

Figura 1 grupo 3, trabalho com o gênero textual Receita.



Arquivo pessoal

São conceitos que trará às crianças uma maneira fácil de compreender os códigos da escrita, de maneira a reter as informações na memória e evoluir na aprendizagem, por meio de atividades que envolvam seu cotidiano escolar e familiar. Nesta perspectiva, Malaguzzi (1999, p. 90), afirma que: “Quanto mais ampla for a gama de possibilidades que oferecemos às crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências”.

Figura 2 grupo 3, as crianças fazendo o bolo.



Arquivo pessoal

Ao desenvolver a prática no ambiente de aprendizagem, as crianças percebiam e aprimoravam ainda mais seus conhecimentos, dialogando entre si e fortalecendo

seu potencial quando afirmavam umas para outras que já sabiam fazer bolo. Nesse momento, percebi que as crianças são capazes e ricas em possibilidades, como já afirmava Malaguzzi no livro “As cem Linguagens”, me fazendo compreender que é possível realizar atividades que promovam a aprendizagem significativa a partir do interesse das crianças.

Esse momento foi importante, além de interativo e diversificado, pois todos se envolveram e participaram com muita atenção, de forma significativa para seus processos de aprendizagem. À medida que eu mediava o processo, recebia dos alunos ensinamentos que são essenciais para o desenvolvimento da aula. No dizer de Freire (1996), “ensinar, aprender e pesquisar lida com dois momentos: o que se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente”.

No projeto construção da casinha, ao planejar atividades para o desenvolvimento do projeto, propus às crianças o gênero textual canção, através da composição ‘A casa’, de Vinicius de Moraes. Essa atividade oportunizou às crianças momentos de diálogos, questões e conflitos ao que se referia a casa não ter nada, além da leitura não convencional, favorecendo um domínio quanto ao apropriamento do sistema da escrita, interpretando e ampliando seus conhecimentos.

Figura 3 grupo 3, desenvolvimento do gênero textual música.



Arquivo pessoal

Essa ação do projeto didático pedagógico permitiu que as crianças ampliassem seus conhecimentos na troca com seus colegas, contribuindo para o crescimento integral e intelectual das crianças, estimulando sua autonomia na resolução de conflitos, fortalecendo a amizade e solidariedade no grupo.

Figura 4 grupo 3, as crianças decorando o papel metro para cobrir as caixas de leite.



Arquivo pessoal

A partir da motivação das crianças, percebi que os projetos didáticos promovem o aprendizado através do prazer, preparando as crianças para interferir em sua própria realidade, estimulando a criatividade e as descobertas das crianças, através de diversas formas de aprender.

Figura 5 grupo 3, casinha finalizada frente.



Arquivo pessoal

A proposta da construção da casinha proporcionou às crianças ações diversificadas de participação ativa em todo processo de construção, tornando-as coautoras de seu processo de aprendizagem, contribuindo para o crescimento integral das crianças, estimulando a autonomia frente aos desafios e desavenças encontrados ao longo do desenvolvimento da construção da casinha.

Figura 6 grupo 3, ilustração e escrita da montagem da casinha.



Arquivo pessoal

Portanto, as atividades escritas relacionadas ao projeto foram melhor entendidas pelas crianças, visto que elas conseguiram desenvolvê-las sem auxílio da professora, desenhando como eles viam a construção e identificando e escrevendo o nome casa como estava exposto no cartaz da música.

4 UM OLHAR INVESTIGADOR

A escolha da pesquisa-ação, que parte do desenvolvimento do professor reflexivo, consiste na aprendizagem a partir da experiência no espaço escolar e na formação com base na reflexão, Alarção (2008, p. 41), que se justifica na medida em que surge a necessidade de desenvolver a mediação da professora no processo de ensino/aprendizagem das crianças. A observação possibilita ao educador refletir sobre a curiosidade e as invenções das crianças, as quais nos mostram a cada dia que são capazes de ir além de nossas expectativas.

Diante disso, esta pesquisa baseia-se na teoria desenvolvida na cidade de Reggio Emilia, a partir de experiências aplicadas por Malaguzzi, que nos apresenta a investigação como papel fundamental no desenvolvimento pleno das crianças. Rinaldi, uma das suas sucessoras, a qual teve a oportunidade de trabalhar diretamente com Malaguzzi, nos afirma que:

Para nós em Reggio, a escola é um desses lugares onde os valores são transmitidos, discutidos e criados. Essa é uma das maiores responsabilidades nossa, devemos estar cientes dela. Quanto menor for à criança, mais a escola e seus educadores precisam ter consciência dessa importante tarefa, e mais profundo deve ser seu senso de responsabilidade. (RINALDI, 2012, P. 249)

Essas reflexões me fez compreender o sentido da pesquisa, acima de tudo me empoderar de um fazer pedagógico, que valorize a criança como protagonista de seus conhecimentos, para tanto, a professora pesquisadora necessitou mesclar educador/pesquisador, para observar e refletir atentamente a sua prática pedagógica. Sempre buscando estimular e desafiar os pequenos para que se tornem sujeitos autônomos e críticos, transformarem seus desejos em projetos reais, tornando o conhecimento mais compreensivo e significativo, visto que à medida que buscamos novos conhecimentos, através de pesquisas, grupos de estudos e de aplicações de novas ideias, renovamos nossas práticas, compreendendo melhor as teorias que nos conduz em uma jornada mais criativa, para melhor desenvolvimento da aprendizagem no ambiente escolar.

Com o pensamento de que proporcionar às crianças experiências de autonomia no seu processo de aprendizagem, no espaço escolar, o professor reflexivo, segundo nos orienta Alarção (2008), dá mais atenção aos

questionamentos das crianças, construindo assim, a proposta pedagógica diariamente para que elas sejam as protagonistas de seus conhecimentos, esta pesquisa apresenta como questão a ser respondida: quais os caminhos formativos para um fazer pedagógico reflexivo que incentive a autonomia da criança através de projetos investigativos?

Para análise, foi utilizado o diário de campo para ação/reflexão/ação, conforme orienta Freire (1996). Além de fotos, observações no ambiente de aprendizagem e diálogo através da pedagogia da escuta, Freire (2011), o trabalho com a sensibilidade, com as sensações, com o brincar, Malaguzzi (1999), que vem aprimorando e ampliando o fazer pedagógico no espaço escolar, além da formação continuadas através do curso de especialização, que oferecem subsídios necessários para uma prática de qualidade.

A partir das vivências oferecidas no ambiente de aprendizagem, a qual foram oportunizadas às crianças e à educadora, momentos de investigação/ação/observação, utilizou-se como instrumento pedagógico o diálogo, pois a criança, ao se inserir na relação dialógica reflexiva, proporcionou à educadora, ponderações sobre o fazer pedagógico, mediando o processo para melhor compreensão. Após analisar o envolvimento das crianças, que discutiam de maneira clara e objetiva seus desejos de aprendizagem, constatei que essa prática contribuiu para aumentar a autonomia das crianças, as quais demonstravam compreensão sobre o que estava sendo discutido, sugerindo ainda novas propostas de investigações.

Esse diálogo foi utilizado como troca de conhecimento e reflexão entre as professoras, auxiliar de classe e coordenadora escolar, assim como o diário de campo para registrar as observações e reflexão pós-ação, além de fotos dos momentos de investigações e discussões com as crianças para poder compreender melhor a mediação pedagógica. A pesquisa respaldou-se também em outras fontes, como as: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, além de outros autores que defendem o tema em questão.

Foram necessários grandes esforços para apropriar-se desse atuar que deixa a criança expressar seus desejos de descobertas, desenvolvendo todo um potencial de criatividade a partir da construção de uma pedagogia de projetos.

4.1 CAMPO DE PESQUISA

A observação foi realizada no ambiente de aprendizagem em uma escola municipal da cidade de Camaçari- BA, que funciona nos turnos matutino e vespertino, com a educação Infantil, possui ainda dois espaços de aprendizagem com crianças do 1º ano do ensino fundamental. Faz-se necessário frisar que faço parte do grupo de ensino como professora itinerante, conhecida na rede municipal, como o professor dois. Essa nova designação profissional ocorre pelo fato da categoria ter ganhado como direito que está estabelecido segundo a lei 11. 738/ 2008 (art. 2), o direito aos professores de um terço da jornada de trabalho fora do ambiente de trabalho para dedicar-se exclusivamente à preparação de aulas e momentos de estudos e pesquisas fora do ambiente de aprendizagem.

A escola está situada em um bairro caracterizado como classe média baixa e seus adjacentes possuem uma população mais carente, que provém da bolsa família. Uma localização, em que o índice de criminalidade vem crescendo a cada dia, provinda da população mais jovem, através de comportamentos ilícitos, os quais não cabem aqui descrever.

4.2 SUJEITOS DE PESQUISAS

O alvo desta pesquisa é a práxis da própria professora, a professora regente da classe, além disso, participam da pesquisa: a auxiliar de disciplina, 20 crianças de 03 anos e mais 05 professoras que fazem parte do grupo de ensino da escola, além das discussões com a coordenadora do grupo escolar. Esses sujeitos serão tratados nesta pesquisa, por suas iniciais. O grupo de ensino dessa escola é homogêneo, possuindo professoras iniciantes, assim como professoras com idades próximas à aposentadoria. Todas as educadoras são formadas em pedagogia e duas professoras já são Psicopedagogas. Ao que se refere à assistente de classe, observa-se que possui o segundo grau completo e não tem nenhuma formação na área de Educação Infantil. Quanto à coordenação da escola, já é especialista em Educação Infantil e veterana nessa escola, já está nessa mesma instituição de ensino há mais de 18 anos. Quanto às 20 crianças, são provenientes das

proximidades da escola, todas com poder aquisitivo de baixa renda, provenientes das mais diversas composições e modernas composições familiares, no qual 10% delas já perderam seus pais para a violência urbana, convivendo nos tempos atuais com suas avós que se tornam suas responsáveis legais. Esse ambiente de aprendizagem tem disponível para educação infantil, de três aos cinco anos, cinco professoras regentes e três itinerantes, que transitam entre dois ou três ambientes de aprendizagem.

5 INTERPRETAÇÃO COMPREENSIVA DO PAPEL DO PROFESSOR A PARTIR DE SUA PRÁTICA

As reflexões que se seguem enfocam a interação das crianças com o objeto de estudo para identificar quais contribuições a pedagogia de projetos traz para ampliar o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social das crianças. Essas observações aconteceram em vários momentos no ambiente de aprendizagem como: o diálogo na roda de conversa para realização da primeira ação; a conversa sobre quais seriam os ingredientes para realização da receita; a ilustração dos ingredientes para a construção do painel receita; a realização da receita; a discussão sobre a construção da casinha de bonecas; o reconhecimento da música que identificava a casinha “A casa, de Toquinho”, identificação dos materiais necessários para construção da casa, organização dos materiais para a construção da casa e por fim, a montagem da casinha.

Nessa perspectiva, vivenciar a pesquisa-ação ressoou em mim com profunda intensidade as implicações significativas dos sujeitos da pesquisa, além da mudança da identidade profissional, pois através dessa formação posso afirmar que mudou em mim a forma de mediar pedagogicamente. Compreender o processo de formação é algo que não pode ser explicado através de palavras, em virtude de ter vivenciado alguns momentos de dúvidas, angústias e descobertas que não chegam nem próximo à emoção que é abarcar em si mesmo o empoderamento de um conhecimento. Compreendo minha práxis quando me reafirmo na fala de Freire (1996, p 113), quando diz: “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”.

Para este estudo, posso identificar o diálogo como resultado das observações/reflexão/ação sobre a mediação pedagógica de uma professora reflexiva, para identificar quais os caminhos formativos para um fazer pedagógico reflexivo que incentive a autonomia da criança através de projetos de investigações. Desse modo, trata-se de compreender a mediação pedagógica a partir das análises realizadas através dos diálogos com as crianças na interação sujeito. A esse respeito Freire destaca que:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a

prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 1996, p. 39).

Além disso, procurei orientações pelos princípios da abordagem de Reggio Emilia na cidade da Itália, quando trago as falas das crianças como “narrativas”, percebemos que essas se autorizam para a compreensão da pesquisa.

Para analisar essas informações, foram selecionadas três categorias descritas da seguinte forma: a) A construção da autonomia das crianças; descreve o processo gradativo da autonomia das crianças em relação às atividades que envolviam o projeto, além de vivências do cotidiano escolar b) A mediação da professora; que relata sobre a descoberta da forma de mediar o processo ensino aprendizagem; c) A formação para pesquisa; que expõe os caminhos de forma mais detalhada para a compreensão da mediação da professora.

Precisamente as três categorias foram analisadas a partir das informações descritas no diário de campo, da observação e análise dos diálogos e do envolvimento das crianças nos projetos de investigações, além do diálogo com a auxiliar de classe, coordenadora escolar, as cinco professoras da educação infantil e professora regente do grupo, essas reflexões contribuíram diretamente com esta pesquisa-ação. Para melhor compreensão da pesquisa-ação, Macedo nos diz que:

A compreensão da experiência como “pedra de toque” da etnopesquisa-ação e da etnopesquisa-formação, significa realizar uma investigação-intervenção tomando como centralidade o que a experiência dos atores sociais envolvidos nos possibilita de compreensões fundantes para esses tipos de investigação. (MACEDO, 20015, p. 97).

Nessa perspectiva, foi utilizada a abordagem de Reggio Emilia como embasamento para ação/reflexão/ação, embora seja uma atitude difícil de exercer, mas favorece ao educador momentos de experiências. Conforme orienta Freire (1996), semelhante aos estudos realizados sobre o trabalho com a sensibilidade, com as sensações, com o brincar de Malaguzzi (1999), que vem aprimorar e ampliar o fazer pedagógico no espaço escolar, além das formações continuadas através do curso de especialização, que ofereceram subsídios necessários para uma prática pedagógica consciente.

Mediante o exercício da reflexão, fiz uma análise dos documentos procurando os pontos relevantes e os menos pertinentes sobre o fazer pedagógico reflexivo que incentive a autonomia das crianças através dos projetos de investigação. Partindo deste ponto, tomei como base, para confrontar os dados, as orientações a partir da teoria proposta por Malaguzzi (1999), que embasa o fazer pedagógico a começar pela investigação.

É necessário pontuar que, visualizei então, o cenário da pesquisa-ação e meus sujeitos de pesquisa, interagindo através da vivência ou diálogo reflexivo sobre os projetos didáticos desenvolvidos. A partir desse olhar, uma compreensão da pesquisa-ação me foi apresentada: a pedagogia de projetos contribui bastante para o desenvolvimento da autonomia das crianças, ampliando seu entendimento cognitivo, social e afetivo. Sobre a noção de compreensão da pesquisa-ação, Macedo conclui que:

A investigação da experiência é, radicalmente, um modo implicado de fazer experiência com a pesquisa, ou seja, trabalho - com a experiência constituindo experiências com a criação de saberes da experiência. (MACEDO, 2015 P. 102)

Refletir a própria práxis, não é fácil, porém possível. Uma vez que, o indivíduo vive imerso em seu fazer pedagógico, considerando-o correto, mas ao refletir sobre sua própria prática pedagógica, o sujeito consegue observar novas possibilidades de ensino, que formam um conjunto de ideias que se relacionam e se estruturam com grande complexidade. Ao analisar a própria experiência, será questionado sobre as próprias ações, posturas, mas ao mesmo tempo, a partir das reflexões alcançadas, o sujeito mostra-se capaz de exercitar o fazer pedagógico mediando o processo de ensino aprendizagem, contribuindo para a evolução cognitiva das crianças, através de uma educação de qualidade, validando a formação quando se fortalece através das teorias investigadas. Sobre esse mesmo ponto de vista, Freire destaca que:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebermos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aulas das escolas, nos pátios dos recreios, *em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 1996, p. 43)

Nessa perspectiva, cada capítulo a seguir envolve esse processo de formação. Assim sendo, cada categoria relacionada a seguir é tomada

separadamente para reflexão e compreensão da mediação pedagógica, atribuindo relevância aos elementos que compõe: Um olhar sensível e reflexivo sobre os questionamentos das crianças: A pedagogia de projetos como abordagem pedagógica.

5.1 CONSTRUÇÕES DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS

O ambiente de investigação, (cenário de pesquisa) propiciou vários momentos de investigações educador/educando, dos quais somente os mais relevantes serão aqui tratados. Esta narrativa foi descrita no diário de campo, onde pode-se afirmar que o envolvimento das crianças foi gradativo em seu processo de construção da autonomia, na medida em que iam compreendendo a didática proposta. A maioria das crianças se mostravam questionadoras e participativas ao se expressarem nas vivências sugeridas pelo grupo. Observei também que a compreensão a cada registro, após a vivência, era perceptível por todos os envolvidos na pesquisa, uma vez que os desenhos representativos correspondiam ao enunciado das atividades escritas, referentes ao projeto desenvolvido. Nesse sentido, Malaguzzi, fala que:

Não desejaria minimizar o papel determinante dos adultos no oferecimento de estruturas e sistemas de significado que permitem que a mente infantil se comunique. Ao mesmo tempo, porém, gostaria de salientar a participação das próprias crianças: elas são capazes, de um modo autônomo, de extrair significado de suas experiências cotidianas através de atos mentais envolvendo planejamento, coordenação de ideias e abstrações. (MALAGUZZI, 1999, P 91)

Nessa perspectiva, adentrei o ambiente de aprendizagem da educação infantil. Inicialmente sem saber por onde começar o projeto de investigação, utilizando apenas um lápis e um papel para as anotações que me pareciam pertinentes. Porém fazendo-me alguns questionamentos: Qual é meu objetivo, quando apresentar às crianças a construção da proposta diária? Como farei para encaixar o tema proposto no currículo geral? Como conseguirei os materiais para a aula sugeridos pelas crianças? O que essas crianças irão aprender está dentro das diretrizes para Educação Infantil? Diante desses questionamentos, me senti por muitas vezes perdida sem saber o que estava fazendo, mas me permiti observar todos os detalhes e consegui construir junto às crianças a proposta pedagógica

semanal a partir de seus quereres, uma árdua tarefa, porém possível de se fazer. Conforme Rinaldi destaca sobre “O fio de Ariadne”, a metáfora atribuída ao grandioso papel do professor relata que:

Os professores vistos como aquele que têm o fio, que constroem e constituem os entrelaçamentos e as conexões, a rede de relacionamentos, para transformá-los em experiências significantes de interação e comunicação. (RINALDI, 2012 p. 106)

A partir desse fio condutor, sugeri ao grupo de crianças uma roda de conversa sobre os nossos quereres, como pesquisadora e não mais professora. Nesse momento, foi solicitado às crianças que elas cantassem sua música preferida e logo o clássico Borboletinha foi sugerido por uma aluna. Todos cantaram e bateram palmas bem animadas. Percebi que já apresentavam respostas pré-definidas para atividades propostas, visto que logo após, silenciaram para se acalmarem, uma prática diária.

Dialogamos sobre a proposta do dia, deixei-os informados de que assim como eles, eu também estava no papel de aluna, e que iria observar alguns momentos da nossa rotina escolar. Esclareci no momento que todos iriam falar sobre a escola, o que cada um mais gostava e o que menos gostava em estar nesse espaço. Segue a narrativa das crianças na roda de conversa a partir de perguntas e respostas:

H:Gosto da merenda, minha pró.

MO e RU: Gosto da hora do recreio.

MO e RU: Gosto de brincar!

PROFESSORA: Então, o que vocês não gostam de fazer na escola?

JU:Não gosto de fazer o dever.

JU: Não gosto de ficar sentada.

PROFESSORA: Tudo bem, mas hoje desejo saber o que vocês querem aprender a fazer, vamos pensar?

LU: Eu quero aprender a fazer bolo confeitado, minha pró.

PROFESSORA: Mas, para quê você deseja fazer bolo confeitado?

LU: Para cantar parabéns para minha irmãzinha, que minha mãe não fez bolo para ela.

PROFESSORA: Tudo bem, todos concordam em aprender fazer bolo?

TODOS: Sim

PROFESSORA: Certo, e para fazer bolo nós iremos precisar de quê?

NA: De massa de bolo.

MO: Compra na casa de bolo.

PROFESSORA: Tudo bem, mas para fazer, nós iremos precisar de quê mesmo?

No que se refere ao diálogo com as crianças, todas elas demonstraram interesse em conversar e questionar o que não compreendiam, nos momentos de realização das ações propostas pela pedagogia de projetos, mostrando que compreenderam os passos e a identificação dos materiais necessários para desenrolá-lo de cada proposta sugerida.

Faz-se necessário frisar, que o projeto só acontecia durante um único período na semana, haja vista que a professora regente do ambiente de aprendizagem, não dava seguimento à proposta, utilizando apenas o roteiro de atividades xerografadas propostas pela coordenação da escola, deixando de aproveitar o contexto inserido para que as crianças se apropriassem dos códigos da língua culta. Malaguzzi (1999, p.93) ensina que: “coloque-se de lado por um momento e deixe espaço para aprender, observe cuidadosamente o que as crianças fazem e então, se você entendeu bem, talvez ensine de um modo diferente de antes”.

“O que temos que fazer para reunir os materiais que iremos precisar?” Nesse momento, percebi que era muito para eles, penso que não sabiam a resposta, pois já estava no limite deles, não dava para construir mais nada, pois ficaram inquietos e dispersos, pediram água e para ir ao banheiro. Diante dessa situação, liberei-os para que eles pudessem brincar livremente, mas deixei uma tarefa para casa, perguntar aos seus familiares quais seriam os materiais para fazer um bolo.

Propor às crianças a liberdade de escolher o que deseja aprender é algo muito gratificante, já que, elas ficam super interessadas em realizar a tarefa. Rinaldi (2012, p. 207) afirma que “as crianças são os mais ávidos investigadores do significado e da significância, e produzem teorias interpretativas”. Essa reflexão me fez compreender a proposta de ensino da pedagogia de projetos, já que proporciona às crianças momentos de questionamentos e indagações. Com o propósito de ampliar os conhecimentos prévios das crianças sobre o modo de fazer e confeitar o bolo, na aula seguinte, eu levei para o grupo observar, todos os ingredientes necessários para que nós pudéssemos fazer o bolo e depois confeitar. Logo na roda, perguntei ao grupo se alguém fez a tarefa de casa, que era perguntar aos pais os materiais que iríamos precisar para fazer o bolo. Somente uma criança veio com a resposta, (A J), que falou que precisa de açúcar e farinha para fazer bolo.

Mostrei para eles o açúcar e a farinha de trigo, questionei se alguém conhecia mais algum ingrediente que precisaríamos para fazer o bolo, ninguém mais se posicionou. À medida que ia mostrando os ingredientes, perguntava se alguém sabia o nome, todos conheciam.

Perguntei ao grupo: E agora, o que a gente faz com esses ingredientes para ele virar bolo? (A J) respondeu: “Mistura tudo, minha pró”. Os demais repetiram a fala dela. Mostrei para eles os formatos das formas que tinham disponíveis, eles já conheciam o formato de círculo, o formato retângulo eles conheceram através da forma do bolo.

À medida que colocava os ingredientes no recipiente, contávamos um a um. Todos tocaram em cada ingrediente, provaram e mexeram a mistura. Após o bolo pronto, chegou à hora de confeitaria utilizando chantilly com morangos, conforme escolhido anteriormente pelo grupo. As crianças se divertiram passando o chantilly, enfeitando com os morangos. Depois de pronto, (MI) me perguntou, “Minha pró, vai cantar parabéns para mim, foi meu aniversário?” Respondi: “Podemos cantar, sim. Mas, o que acha de cantarmos também para as bonecas?” “Vamos sim”, as meninas logo responderam. Os meninos não se posicionaram, mas acharam divertido cantar parabéns para as bonecas. Quando as meninas pegaram as bonecas que ficam disponíveis no ambiente de aprendizagem, todos se reuniram ao redor da mesa para cantar os parabéns. Porém, (LA) me questionou: “Minha pró, por que a gente não faz uma casinha para brincar de boneca”? Podemos pensar sobre isso amanhã, pode ser?”. Respondi para ela.

Com o questionamento de (LA) em mãos, comecei a aula seguinte, dialogado sobre a construção do bolo confeitado, lembrando os ingredientes e forma de fazer. Logo seguida, começou a discussão sobre como iríamos fazer para construir a casinha de boneca sugerida por (LA). Conforme Rinaldi apresenta em seu Diálogo com Reggio Emilia:

Os sentidos que as crianças produzem, as teorias explicativas que elas desenvolvem na tentativa de encontrar respostas são da máxima importância, pois revelam, de maneira vigorosa, como as crianças percebem, questionam e interpretam a realidade e seus relacionamentos com ela. (RINALDI, 2012, p. 205)

Nessa perspectiva, faz-se necessário frisar que progredi bastante a forma de refletir a partir dessas discussões com as crianças, pois me fizeram refletir sobre o oportunizar as crianças momentos de investigações a partir do que eles desejam aprender. Conforme Malaguzzi destaca:

Mesmo quando os professores presumem ser democrático seu comportamento ainda é, com demasiada freqüência, dominado por estratégias de ensino não-democráticas. Incluindo diretivas, procedimentos ritualizados, sistemas de avaliação (que Benjamim Bloom acreditava serem os guias apropriados à orientação da educação) e pacote de currículo rigidamente cognitivista, completo com scripts prontos e contingências de reforço. (MALAGUZZI, 1999, P. 93)

Julgo necessário observar que, conforme Malaguzzi nos afirma, o roteiro de trabalho com atividades rigidamente cognitivista contribui apenas no reforço escolar, porém são usados pelas educadoras que consideram importantes para alfabetizar as crianças, tornando-as sujeitos copistas e sem autonomia de como ir à busca de seus conhecimentos. Sendo assim, discuti com as crianças o que eles desejam aprender, contribui para seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, ampliando sua autonomia e desejo de descoberta.

5.2 MEDIAÇÕES DA PROFESSORA

Como um dispositivo de investigação importantíssimo para esta pesquisa, o diário de campo me auxiliou bastante nas análises sobre a mediação pedagógica, visto que nas observações/reflexões, fui gradativamente compreendendo o processo de mediação do professor a partir da pedagogia de projetos. Sobre o mesmo ponto de vista, observei e refleti o diálogo com as crianças, que aos poucos conseguiram contemplar as nossas conversas e o envolvimento dessas crianças nas ações propostas pelo grupo. De maneira idêntica Freire afirma que:

Se, na verdade o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 1996, P, 113)

Certamente, foi aprendendo a escutar que comecei a falar com e para as crianças. Estas vivências de investigações realizadas no ambiente de aprendizagem propuseram às crianças momentos de inquietações, questionamentos e descobertas, visto que elas demonstraram respeito ao que estava sendo proposto.

Lembro-me a forma como (LA), falou quando estávamos cantando parabéns para as bonecas, após confeitar o bolo, “Minha pró, por que a gente não tem uma casinha para as bonecas?”, esse que seria o próximo tema para investigação. Percebendo o desejo e firmeza de grande parte do grupo, nesse momento compreendendo a força da mediação do professor e questionei: “e vocês querem construir uma casinha para as bonecas?” “Sim”, todos responderam, então continuei questionando: “Quais materiais precisariam para construir uma casinha de boneca?” Nesse momento, percebi-os mais interessados e começou, então, uma tempestade de ideias:

LA: Tijolo e cimento minha pró, respondeu.

PROFESSORA: Mas eu acho que não podemos fazer de tijolo e cimento.

Com o propósito de contribuir com o projeto das crianças, busquei alternativa do respirar e acalmar-se para conseguir que o grupo se concentrasse novamente, porém a discussão continuou sem muitos avanços, até que uma das crianças chamou atenção falando:

MÔ: - Pode ser de caixas, minha pró?

PROFESSORA: Muito bem, pode sim. Mas como seria essa casa de caixas? Vamos ver se alguém tem mais alguma ideia.

L e La: Usa um lençol bem grande, cobrindo assim... - e nesse momento ela abre os braços para que todos pudessem ver como ela pensava.

A fim de que decidíssemos qual melhor escolha para construção da casinha, falei para o grupo: “Vejam só a minha ideia, (M) falou que a gente podia fazer de caixas não foi?” “Sim”, responderam. “E L e LA falaram que poderia ser com um lençol bem grande, certo?”, continuei. “Certo”, responderam. “Então, agora, nós iremos fazer uma votação e logo após, desenhar tudo que aqui ficou combinado”. Escrevi no quadro as duas ideias, para que as crianças pudessem votar na melhor sugestão. Nesse momento estava me sentindo muito feliz, pois todos do grupo estavam envolvidos e com vontade de participar. Falei para o grupo: “Olhem, precisamos pensar bem, pois a casinha irá ficar muito linda e nós iremos brincar

dentro dela, por isso temos que ter muita responsabilidade em escolher a melhor ideia”. Malaguzzi nos afirma que:

O ato central dos adultos, portanto, é ativar, especialmente de um modo indireto, a competência de extrair significado, das crianças, como uma base para toda a aprendizagem. Devem tentar capturar os momentos certos e então descobrir as abordagens corretas para unir em um diálogo produtivo, seus significados e interpretações com os das crianças. (MALAGUZZI, 1999, P. 91)

No âmbito de aprendizagem unânime, participaram e interagiram em todas as atividades propostas, foram utilizados alguns gêneros textuais importantes para desenvolver a linguagem oral e escrita. Como: Parlendas, músicas, receitas, para melhor compreensão do processo de conhecimento e empoderamento da aprendizagem.

5.3 FORMAÇÃO PARA A PESQUISA

Os caminhos trilhados para a formação para pesquisa docente exigiu de mim bastante disciplina e dedicação para observar e refletir, através das reflexões escritas no diário de campo, ao analisar as informações obtidas, pude expandir a compreensão de a mediação no fazer pedagógico, que contribui para autonomia e crescimento cognitivo das crianças. Coerente com a afirmação de Malaguzzi (1999, p. 94) quando afirma “o ensinar pode ser a força para aprender a prender”. Segui em busca de apropriar-me do fazer pedagógico, para observar os dados de pesquisas, os quais foram analisados sobre os momentos de trocas de experiências com as professoras colaboradoras desta pesquisa. Elas, através dos diálogos e reflexões nos planejamentos semanais, sempre se mostraram dispostas a cooperar com as discussões, muitas vezes perguntavam como e porque estava sendo realizada tal atividade. Elas observaram também que as crianças ficavam super motivadas para realizar as tarefas. Concordavam quando discutíamos que o professor deve ser um eterno pesquisador.

Referente ao diálogo com a auxiliar de classe foi observado que pouco contribuiu, uma vez que ela se mostrava distante, auxiliando apenas quando era solicitada a ajudar com uma criança mais difícil, enfatizando que não era função dela se envolver com o pedagógico, já que ela não tinha formação para tal. Para mim

ainda é um grande desafio tentar aproximação, pois ela se mantém fechada ao diálogo.

No que dizem respeito às crianças, elas sim contribuíram bastante para a formação da pesquisa, pelo motivo de que todas participavam, com bastante empolgação, mostrando suas habilidades e seu desejo de aprender. Quando transferiam para o papel seu conhecimento, através de desenho, o que tinham vivenciado, era perceptível a evolução. Os diálogos eram sempre muito agitados, pois todos queriam opinar, apenas uma criança se mostrava alheio ou distante do momento que estávamos vivenciando. Nesta perspectiva Malaguzzi, afirma que:

Colocado de forma mais simples, buscamos uma situação na qual a criança está prestes a ver o que o adulto já vê. A lacuna é pequena entre o que cada uma vê a tarefa de fechar a lacuna parece possível, e as habilidades e disposição da criança criam uma expectativa e prontidão para este salto. Nessa situação, o adulto pode e deve emprestar às crianças seu julgamento e conhecimento. Contudo, é um empréstimo com uma condição, especificamente, de que a criança preste a devolução. (MALAGUZZI, 1999, P 96)

Esse conhecimento do qual Malaguzzi retrata, me remete à discussão cujo as crianças se envolveram referente à construção da casinha, pois as meninas se mostraram bem animadas, já que se sentiram também parte da casinha, os meninos contribuíram também na construção, mas foi apenas no enchimento das caixas de leite com jornal e com a pintura do papel metro para cobertura. A decoração as meninas que disseram como queriam. Ao analisar todos esses dados, posso confirmar, baseada na investigação pedagógica de Malaguzzi (1999) e Por uma Pedagogia de Projetos de Freire e Faundez (2011), que essas discussões promoveram às crianças segurança em falar, em razão de que observaram que estavam sendo ouvidas, ampliando sua autonomia, percebendo-se como capaz de participar e realizar as tarefas, as quais proporcionaram à educadora a compreensão do fazer pedagógico a partir dos questionamentos das crianças, que traz para elas a compreensão do mundo que o cerca.

6 POR FIM O SONHO TORNA-SE REAL

Perceber que seu sonho torna-se real não há recompensa, um vez que sempre desejei passar por um processo formativo, que me fizesse compreender a didática desenvolvida na cidade de Reggio Emilia na Itália, para poder oportunizar as crianças, das quais sou professora, momentos de investigação e descobertas a partir da pedagogia de projetos. Já existem muitas pesquisas e discussões sobre esse fazer pedagógico, porém viver a experiência de uma pesquisa-ação é perceber na prática o que diz a teoria. Lembro-me desde a época em que completei meu segundo grau (2000), de uma frase de Freire (1996) que diz: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender”. Através desses estudos e compreensões, ao me aprofundar nos estudos sobre a práxis nos tempos atuais, observo que me redescobri enquanto professora, ao perceber que aprender significa refletir sempre sobre as diversas formas de aprender, além de questionar e refletir sobre a proposta pedagógica na Educação Infantil. À medida que fui oportunizando momentos de descobertas, tantos aos alunos quanto à minha própria formação docente, percebi que as crianças possuem muitas habilidades e criatividade.

Se observarmos atentamente, veremos que é dessa prática observação, ação-reflexão que surge a mudança de comportamento relacionado ao fazer pedagógico e é importante não perder de vista que a participação do professor em formação continuada, seja ela através de cursos de especialização ou trocas de experiências entre as colegas no planejamento coletivo, faz todo um diferencial na compreensão das teorias e práticas pedagógicas.

Esses momentos de troca de experiências instigam o professor a ir em busca de querer saber sempre mais, para que possa descobrir sua identidade como educador e transformar sua prática pedagógica. O que, segundo Freire (1996), “Feliz é quem aprende ao ensinar”; para mim, uma grande verdade, pois ao conseguir compreender a proposta de ensino desenvolvida na cidade de Reggio Emilia na Itália, posso garantir que nada se compara a sensação de ter apreendido na prática.

Pesquisar a prática docente é acreditar no amor, na criatividade, na confiança, nos múltiplos saberes, no crescimento intelectual individual e em grupo, compreendendo as diversas teorias, a mediação pedagógica e a capacidade dos

discentes. Ao refletir sobre, observo que me redescobrir enquanto professora, descobrindo assim a minha identidade profissional.

Posso, assim, confirmar que à medida que mediava o processo ensino aprendizagem, apropriava-me na proposta pedagógica aplicada na cidade de Reggio Emilia na Itália. Questionava e refletia sobre as ações e envolvimento das crianças com as atividades propostas ao perceber que aprender significa refletir sempre sobre as diversas formas de apreender. Um exercício realizado nos momentos de trocas de experiência com a professora regente e com a auxiliar de classe, nos fez perceber que as crianças se tornaram mais autônomas em atividades antes dependentes, como cuidar e guardar seus próprios pertences, utilizar os banheiros para suas necessidades fisiológicas sem necessitar da ajuda de seus educadores, nas apresentações que tinham exposição ao público, as crianças se mostravam seguras ao se apresentarem em público e nas exposições das festas de fim de ano.

Para oportunizar as crianças momentos de investigações, tive muitas vezes que refletir sobre a didática aplicada e fazer incessantemente o exercício de reaprender, para dominar percepções identificáveis a fim de que as crianças possam levantar hipóteses ou até mesmo chegarem à descoberta e logo ao conhecimento, sempre buscando estimular e desafiar esses pequenos, para que assim o desenvolvimento seja pleno. Ao disponibilizar projetos de investigações a partir da curiosidade das crianças, provocou na educadora uma grande inquietação e convocou olhares distintos para esse sujeito criança, um olhar mais cuidadoso, avaliador que transmite ao educador o viés para novos questionamentos.

As observações constataram que a experiência do educador, conta como fator importante para o desempenho dos alunos, já que promove novos experimentos, reflete sobre o desenvolvimento da atividade proposta, observando os erros, os acertos, escutando atentamente o desejo de aprendizagem dos alunos. Assim sendo, o professor deve experimentar sem medo de errar, para ampliar sua experiência profissional, e contribuir ativamente com o crescimento pessoal e intelectual das crianças.

Pesquisar a prática docente é acreditar no amor, na criatividade, na confiança, nos múltiplos saberes, no crescimento intelectual individual e em grupo, compreendendo as diversas teorias e a capacidade dos discentes.

À medida que eu buscava novos conhecimentos, através de pesquisas, grupos de estudos e aplicação de novas ideias, me renovava como profissional, compreendendo melhor as teorias. Muitas vezes, as grandes conquistas são realizadas com atos simples, a partir da observação e mediação feita por parte da professora. Isso se deu quando eu observava a interação da criança com o objeto de estudo, criando e recriando, vivenciando momentos imaginários. E mais ainda quando fui em busca de novos conhecimentos, através de pesquisas, revisões literárias, grupos de estudos e aplicação de novas ideias, para compreender melhor as teorias, me conduzindo a uma jornada mais criativa e encantadora.

Portanto, de acordo com tudo o que foi pesquisado, observado e refletido a partir dos estudos, diálogo e reflexão nas discussões durante a realização da pesquisa, concluí-se que é imprescindível, a todo profissional de educação, a propriedade do conhecimento que valoriza de fato a interação do sujeito como fator fundamental no processo de construção e evolução do conhecimento do ser humano, em razão de que, mediar à forma como cada indivíduo apreende, a aprendizagem pode ser menos árdua para as crianças, pois cada sujeito possui um ritmo próprio de aprendizagem que muitas vezes não condiz com o padrão estabelecido no contexto escolar, para então promover um ambiente de socialização, progresso e troca de conhecimentos entre educadora e crianças, além de perceber como vão adquirindo e transformando as habilidades em competências ao longo da vida.

Diante de tantas mudanças na composição das famílias brasileiras, dos novos meios de comunicação e das infinitas estimulações que a criança recebe em diferentes ambientes fora da escola, cabe ao professor acreditar em novas abordagens, várias possibilidades e inovações, sempre buscando dar significado às atividades que as crianças realizam, oferecendo oportunidades de estimulação em diversas dimensões. No entanto, adentrar o ambiente de aprendizagem com olhar de investigador não é uma tarefa fácil, pois precisamos nos afastar de nós mesmos, para observar o que está acontecendo ao nosso redor. Portanto, foi a partir deste

estudo que compreendi que, ao manter uma relação de respeito com a fala das crianças, considerando seu tempo e seus conhecimentos, enquanto professora, estou sendo responsável pelo desenvolvimento desta criança e pelo meu próprio crescimento profissional.

Por fim, após análises, buscamos a todo momento aprofundar cada vez mais nas pesquisas em relação à investigação pedagógica, para aumentar a compreensão das reais necessidades da criança e da educação infantil. Compreendi que a escola é o melhor lugar para a formação dos educadores, proporcionando momentos de formação continuada, a fim de abranger a diversidade cultural e fortalecer uma prática pedagógica de qualidade, observando o contexto sócio histórico, e as interações.

REFERÊNCIAS

- ALARÇÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6.ed. São Paulo, Cortez, 2008.
- ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Transposição didática: por onde começar**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ARAPIRACA, Mary, BELTRÃO Lícia, SILVA Cleverson. **Estudos e passagens do proinfantil na Bahia**. EDUFBA, 2012, 302, p.
- AZENHA, Maria da Graça. **CONSTRUTIVISMO** de Piaget a Emilia Ferreiro. 7ª. Ed. Editora Ática. São Paulo. 2002.
- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, Maria Carmem. **Projetos pedagógicos na educação Infantil**. Porto Alegre: Grupo A. 2008.
- BESSA, Bráulio. **Tenho fé e acredito na força do professor!** Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/5619867>> Acesso em: 28 mai. 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/** Ministério da Educação. Diretoria de Currículos e educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir as crianças? A participação das crianças na pesquisa científica. In. CRUZ, Silvia H. V. (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. Editora Cortez, Monte Alegre, SP, 2008. p. 35 – 42.
- FARIA, Vitória, SALES, Fátima. **Currículo na educação infantil: dialogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. 2, Ed. São Paulo; Ática, 2012.
- FORMOSINHO, Júlia Faria. **A escola vista pelas crianças**. Porto Editora, LDA, 2008.
- _____. **Modelos Curriculares para Educação Infantil**. Porto Editora. 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. Ed. São Paulo, Cortez, 2003.
- _____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 7. ed. rev., ampl. E atual. São Paulo: paz e Terra, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Em busca da pedagogia da Infância**. Porto Alegre:Penso, 2013. 216p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU. 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A Etnopesquisa Crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. 2. Ed. Salvador: EDUFBA. 2004.

_____. **Pesquisa a Experiência: Compreender/mediar saberes Experienciais**. 1. Ed- Curitiba. PR: CRV. 2015.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. P. 59-104.

ORTIZ, Cisele, *Interações: Ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: Uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações)

_____. Projeto Paralapraca. **O que é**. Disponível em: <<http://paralapraca.org.br/index.php/projeto/2013-01-17-07-37-36>> Acesso em: 27 mai. 2016.

_____. Bráulio Bessa. **O poeta** (biografia). Disponível em: <<http://www.brauliobessa.com/#!opoeta/c1bne>> Acesso em: 28 mai. 2016.

PIAGET, J. A. **Psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RINALDI, Carla. **Diálogo com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender;** tradução Vânia Cury. 1. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. **O currículo emergente e o construtivismo social**. IN: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMANN, G. (orgs). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. POA: Artmed, 1999.